

Jornadas - o mestre nu | 3 de Junho 2017 | FMH - Cruz Quebrada

O mestre nu põe-nos perante uma tensão que se difunde para além de uma simples questão epistemológica. Esta será uma tensão entre a noção de aprendizagem, através de uma hierarquia de poderes e saberes, e a noção de mestre que se desnuda de assunções, sempre indagando e propondo uma aprendizagem experiencial enquanto processo de incorporação próprio do aprendiz. Será então necessário sofrer o frio e o calor para descobrir a necessidade de aquecer, ou basta acreditar naquele que nos diz que a roupa aquece, aceitando essa informação?

O mestre nu, entendido não apenas como um mestre da suspensão, da intuição sensível, do contacto mas também como mestre já sem verdades absolutas, desafia-nos para um debate sobre a necessidade de mediação no acesso ao conhecimento, em tempos em que a informação está “em todo sítio”.

O estado nu do mestre integra a percepção do corpo como central ao conhecimento. Neste âmbito, as ciências cognitivas têm vindo a confirmar aquilo que as artes já vêm experimentando: a percepção motora, sensório-somática e experiencial é a fundação da nossa capacidade de conhecer. Já Merleau-Ponty realça que é da experiência encarnada que decorre o sentido de subjetividade.

Ao desnudar-se, o mestre vem ainda questionar o corpo enquanto fonte e prática de conhecimento, enquanto interface de relações pedagógicas, espaço de reciprocidades, ambiente de encontro e contacto das pessoas entre si, e das pessoas com os seus sabores e saberes. Mas que corpo é esse?

Perante este quadro, toda uma série de outras questões se coloca:

- O que é o saber? Que modos de saber devemos ponderar (um saber informativo, experiencial, intuitivo...)?
- Como partir do corpo sensível como fonte de conhecimento? Se o conhecimento surge enquanto experiência sensório-somática de cada um e se dá nas relações e projeções de cada um, então o que faz o mestre? Como gerar conhecimento em comum? Educar significa guiar, mas como guiar por um caminho que poderá ser qualquer um, mas não um qualquer?
- Como fazer a suspensão de saberes intrínsecos a predefinições culturais e pessoais?
- Quem nomeia ou quem proclama um mestre? Até onde nos poderá conduzir esta aclamação – estamos perante um mestre quando este nos remete para uma dependência imóvel em vez de uma abertura movente? Será o desejo de ter mestres que gera a mestria? Por outro lado, existe mestre sem aprendiz? Que novas disposições e modos de aprendizagem poderemos experimentar?

UMA(S) JORNADAS

O paradoxo destas jornadas reside no facto de que elas só duram um dia (ou seja, uma jornada). Porquê a adopção do plural? A resposta passa pelo facto de que desejavelmente haverá lugar ao desdobramento do tema em cinco “mesas de trabalho” que agregam questões e preocupações complementares.



Comissão Científica

Coordenação: Cecília de Lima (INET-md, polo FMH)

com Daniel Tércio, Elisabete Monteiro e Luca Aprea (INET-md, polo FMH), António Rodrigues (LaPed e UIDEF, IE-ULisboa), Andréa Bergallo (UFV - Brasil), Milene Duenha (UFSC - Brasil)

Apoio à organização

Sérgio Bordalo e Sá, Sophie Coquelin e Vanessa Sá (INET-md, polo FMH)

Sujeito à inscrição:

Tel: 21 414 9179

Email: inetmd.fmh@gmail.com

Organização



inet^{md}
Instituto de Etnomusicologia
Centro de Estudos de História e Arte

U
LISBOA

f
FMH
Faculdade de
Música



Programa

10:00h - 12:45h - edifício Costa - Anfiteatro 1

10:00h Cecília de Lima e Daniel Tércio - apresentação das jornadas

10:15h Urmimala Sharkar - Conferência: "All that is Dance: A lecture demonstration on dance in India"

India is known for its classical and folk dances and through the colourful images of dancers in exotic costumes. These images are used liberally for tourism and advertisement purposes. On the other hand, all over the world Bollywood films and their grand dance choreographies have created a huge market for teachers offering to teach the medley of movements now known as "Bollywood dance".

In most parts of India, community dance practices have been invested with the responsibility of being the important mediums of registering and reaffirming identity, as well as resistance and change thereof. It has also been the medium through which various forms of embodied knowledge like gender, aesthetic understandings, sexuality, class, caste and community identities, make themselves evident. The presentation shall attempt an understanding of an inclusive understanding of the great variety of dances and the range of functions that they perform in the society. In the process an attempt would be made to tell the stories of postcolonial endeavours to use dance as an important cultural marker of the independent nation.

www.jnu.ac.in/Faculty/usmuni/

11:00h Perguntas e debate

12:15h Daniel Tércio - apresentação do sistema de distribuição dos participantes pelas mesas temáticas e do dispositivo de registo.

12:45h Piquenique no edifício Esteiros (sujeito a inscrição)

14:00h - 18:00h - edifício Esteiros

14:00h Funcionamento das mesas temáticas

O SABER PELO SABOR - moderação: Cecília de Lima

Nos dias de hoje, numa época de *booms* de conhecimentos em mudanças aceleradas, estes vêm sendo transmitidos de modo imediato, impaciente, tornando-se conhecimentos sem sabor, sem sentido incorporado. Husserl propõe acolher a nudez do conhecimento, *suspendendo* o nosso envolvimento quotidiano. Neste sentido, Susan Sontag sugere a necessidade de aprender a desnudarmo-nos de interpretações e recuperar os sentidos, aprender a ver, ouvir e sentir melhor.

No corpo que se desnuda, a pele vulnerável sente mais intensamente deixando-se afetar pelo mundo. Vivem-se momentos em que se suspendem os saberes e se saboreiam os sabores. Solto do peso das vestes, o mestre vem então lançar múltiplas questões: como se recuperam e intensificam os sentidos sensoriais? Como se relacionam os sabores aos saberes? Como se aprende e se descobre o mundo saboreando/ experimentando? Porquê este outro paradigma?

DESCOBRIR NO REINO DE SERENDIP - moderação: Daniel Tércio

O que é serendipidade?

Serendipidade atravessa todos os campos científicos, frequentemente na posição de ponto de descoberta no processo de pesquisa. Ela corresponde a um estado de abertura e pressupõe uma predisposição para a diferença no âmago do comum. Seguramente está no centro da inovação artística. Serendipidade fica assim na linha de encontro entre ciência e arte. Ou mesmo antes dessa linha, já que, por exemplo, a descoberta da roda teria acontecido antes da diferença entre um e outro campo. Na verdade, em ambas – nas metodologias científicas e na investigação artística – serendipidade refere-se à descoberta inesperada de algo. Será que é condição dessa descoberta a ausência do mestre? Ou basta que esse mestre (o mestre que vagueia nas fronteiras do reino de Serendip) seja simplesmente aquele que larga o lastro, que se revela vulnerável, que vive no seu corpo os afetos e que se deixa afetar pelos outros?

Organização



inet^{FMH}
Instituto de Etnomusicologia
Centro de Estudos de História e Arte

U
LISBOA

f^{FMH}
Faculdade de
Artes da Universidade Nova de Lisboa



APRENDER (NA ERA) DIGITAL. O MESTRE NA PONTA DOS DEDOS? - moderação: António Rodrigues

Na suspensão do conhecimento, escuta-se um corpo. O do mestre. Onde as marcas visíveis e invisíveis transportam as perícias da vida que experimentou e experimenta. Serão elas que iluminam o saber ou exortarão a caminhar na sua direção? Dessas marcas despontaram topologias, lugares e dispositivos para novos encontros, onde os aprendizes refletem o tempo, o espaço e as forças do seu próprio corpo. O universo à distância de um corpo que dedilha, de um corpo que digita. O mestre incorporado na técnica? Um novo dispositivo, como outrora o papiro ou o livro? Ou um novo lugar para aprender? Como transformar em marcas o que se acede nesses outros lugares? Quem transfere a vontade para os aprendizes se sentirem marcados? *O acaso? A necessidade?*

O VERSO DO AVESSO - moderação: Elisabete Monteiro

Questionar, como um passo atrás para avançar, evoca lugares de esquecimento e de memória(s), numa amplificação perceptível do sentir. Faz emergir saberes que nascem com a dúvida nos diálogos plurais entre singulares. Um saber de incertezas que a arte procura, decompõe e provoca a ruptura. É preciso aprender a desaprender de modos diversos e percursos vários, ímpares. Mas caminharemos com a preocupação de partilha das inevitáveis e preciosas diferenças? E quanta ousadia da descoberta e aventura nos permitimos, nos permitem, para lhe saber o sentido? Somos artesãos da própria jornada nos caminhos que trilhamos? E o peso desses lugares, desses tempos na bagagem, impedem-nos de avançar? Impelem-nos? E que olhar, com a curiosidade e o deslumbramento como se fosse a primeira vez, esse olhar inaugural, arriscamos experimentar? Como ir a outro lugar? Qual a fronteira da chegada? Será, como disse Saramago, que “o fim de uma viagem é apenas o começo de outra” ou a ambígua contradição de um eterno retorno ao mesmo?

POLÍTICAS DO “SABER”: ENCONTROS E AGENCIAMENTOS - moderação: Andréa Bergallo e Milene Duenha

Mediar aprendizados, redimensionar projetos e desenvolver procedimentos, dentro ou fora da academia/instituições implica um exercício contínuo de reflexões críticas sobre conceitos e comportamentos/relações sociais, em especial, sobre as nossas próprias formas de proceder. Essas três potentes possibilidades de ação flutuam em agenciamentos de encontros, nos quais o lugar do saber como poder pode abrir espaço para a percepção de potências na descoberta mútua, no não-saber. Neste sentido, o convite carrega também a necessidade de se assumir as implicações políticas de ser mestre ignorante, como nos traz Jacques Rancière, descobrindo, a cada novo encontro, como sê-lo. Como proceder no contexto ensino-aprendizagem como um mestre desarmado de saberes prévios? Ou, talvez, como agir “a ausência de um mestre” para dar espaço às possibilidades de mundo desvendadas nos encontros? O que podem os corpos sem mestres?

16:00h Pausa para café

16:30h Apresentação das sínteses das mesas temáticas e debate.

18:00h Conclusão das Jornadas - António Rodrigues, Cecília de Lima, Daniel Tércio, Elisabete Monteiro e Milene Duenha



Organização



inet^{MA}
Instituto de Etnomusicologia
Centro de Estudos de Música e Dança

U
LISBOA

f MH
Faculdade de
Música

